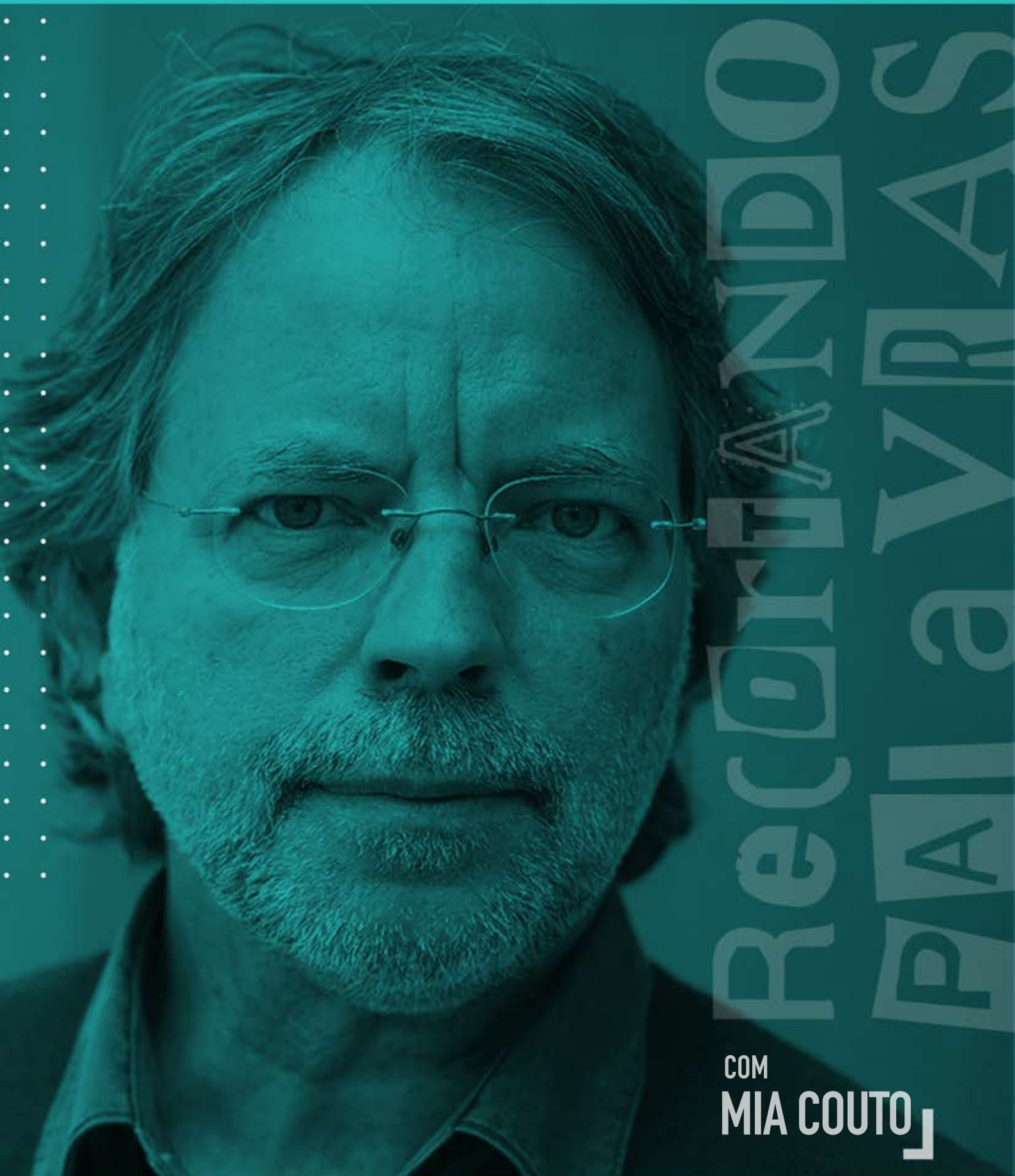


E.E. PROFESSORA DJANIRA VELHO II



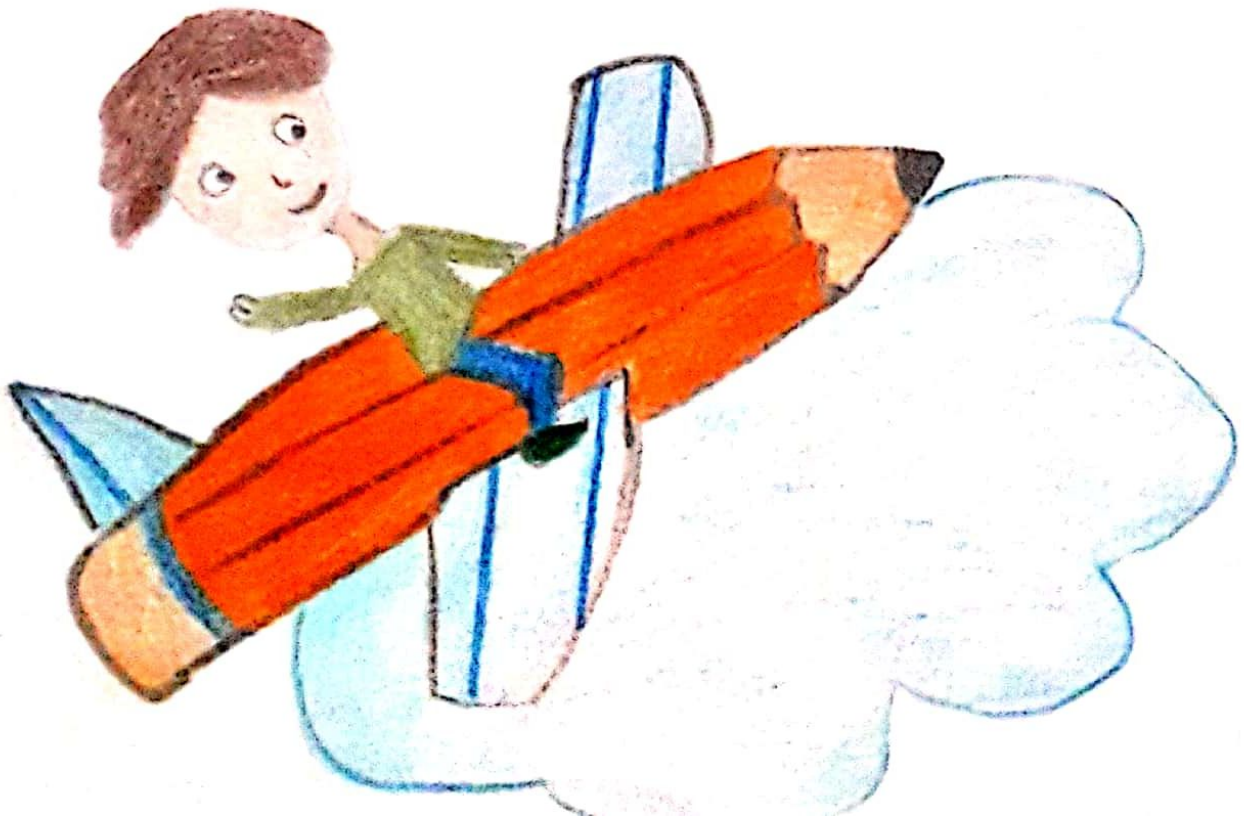
COM
MIA COUTO

O

m E N I N O

Q U E E S C R E V I A

V E R S O S



Apontou o filho, como se entregasse
criminoso na esquadra

Ele
escreve
Versos!



Médico levantou os olhos, por cima das lentes,
e forço a pineta em tempo da montanha.



O pai incomodado pelo filho escrever livros,
exigiu que fizesse vários exames até achar
o que estava acontecendo com o filho



O médico se dirigiu ao menino:

A mãe do menino (Jona Derafinal) aproveita o momento e pergunta: Está a ver, doutor? Está a ver?



Dói-Te alguma coisa?

Dói-me a vida, doutor.



O médico voltou a erguer os olhos e a
enfrentar o miúdo:

o que fazes
quando te assistem
esses deuses?



o que
melhor
sei fazer,
excelência



É o
que é?

É sonhar



O médico estranhou o miúdo. Custava a crer,
visto a idade. Mas o meço, voz tímida, foi-se
anunciando. Que ele, modesta apontada,
inventara sonhos desses que já nem sabia, só
no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificava
ria, para melhor crença. Mas nem chegou a
começar. O doutor o interrompeu:



Não tenho
tempo meço,
isto aqui
não é uma
clínica
psiquiátrica

A mãe, em desespero, pediu demência. O doutor que deve ao menos uma lista de erros pelo caderninho dos versos. A ler se ali catara o motivo de tão grave distúrbio. Contropeito, o médico acitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viene na próxima semana. E trouxe o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sério, taciturno: O mundo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino corria de internamentos urgente.

Não
Continuo a
escrever?



Isto que pago não é
escrever, doutor. Estou a viver.
Tenho este pedaço de vida -
disse, apontando um novo
caderninho - quase a meio.



Não temos
dinheiro - pungou
a mãe entre dentes



Não
Importa



Que ele mesmo assumiria os depósitos.

E que seria ele mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Morbão e tardes de sexta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai versos a versos, o seu próprio ceropão. E o médico, obviando silêncio:

Não pare, meu filho. Continua lendo...

Ana Julia Palaretti da Costa

E.E. Prof.^a Jonira Velho - 9^o ano A